

55

ROCHA PEIXOTO

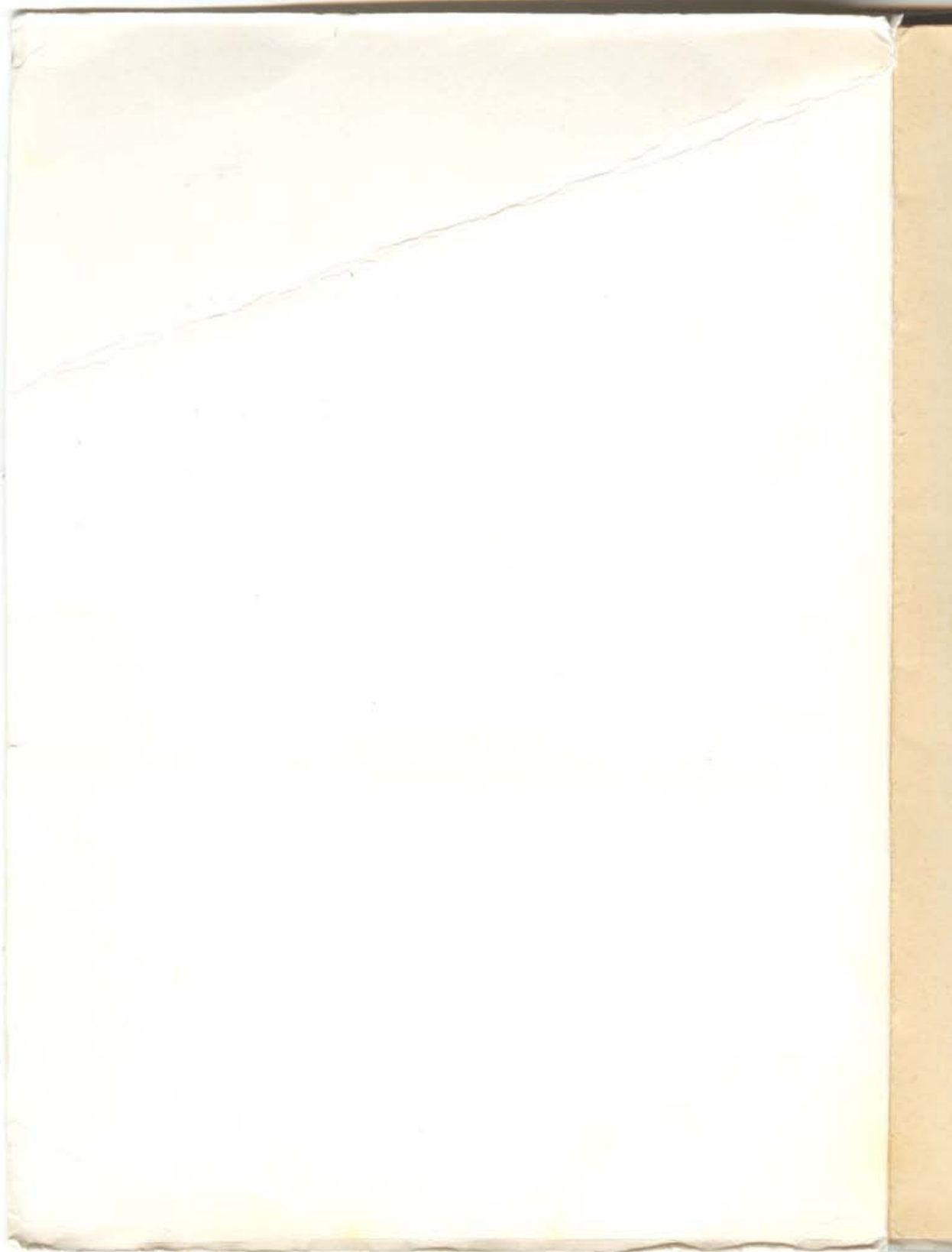
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

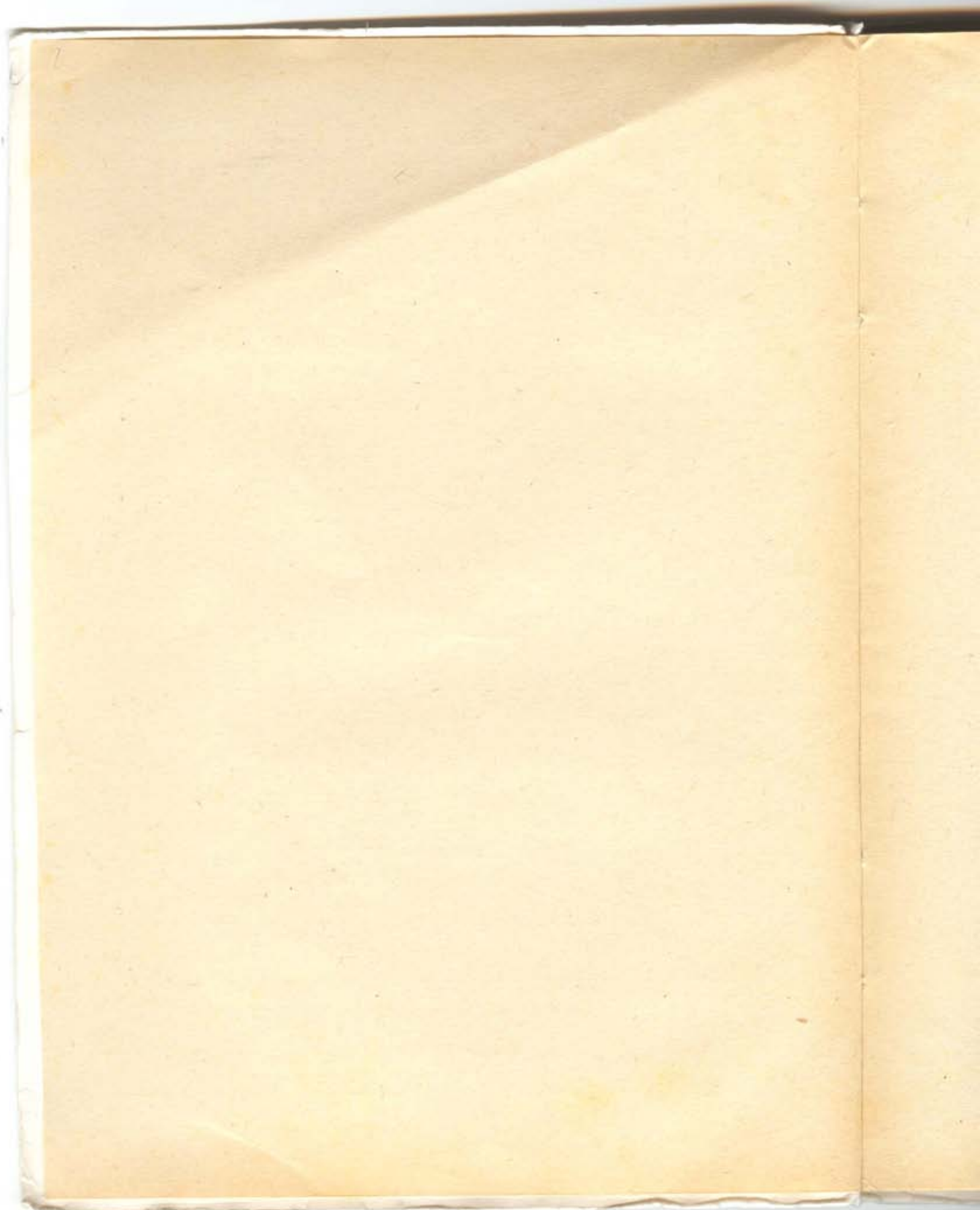
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

ROCHA PEIXOTO

(RESCINDIMENTOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE JUSTIÇA

REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE JUSTIÇA
REDAÇÃO GERAL



ROCHA PEIXOTO

por *Pedro Vitorino* (*)

Foi a 2 de Maio de 1909 que no vigor da vida e da inteligência, aos 44 anos, (**) se finou Rocha Peixoto. O tempo decorrido, em vez de lhe penumbrar a memória, mais a realça e enobrece. É que desse infatigável trabalhador alguma coisa mais ficou do que uma terna saudade: — a afirmação dum inconfundível talento; aquela poderá ainda vicejar entre os seus amigos, mas esta jamais se extinguirá no espírito dos seus admiradores. Neste número unicamente me conto, pois não tive a dita de compartilhar do seu atraente convívio.

Era eu então um rapaz que, frequentando a Biblioteca Municipal, viu sucessivamente povoar-se, o claustro da entrada do seu edificio, de azulejos e de pedras variadíssimas que deram a essa antiga dependência monástica um aspecto imprevisto, convidando a uma volta pelas alas, a embeber o olhar nesses testemunhos vivos do passado.

O que me parecia enigma indecifrável, patenteava-se,

(*) Artigo publicado na revista *Portucale*, vol. I, n.º 4 (Porto, 1928), pp. 207-208.

(**) Aliás aos 42 anos (ou, mais claramente, aos 43 anos menos dezasseis dias). *Vide*, neste volume, a nota (*) da pág. 94.

ante a curiosidade de leitura de uma simples placa elucidativa, com notável clareza.

Talvez mais por intuição do que mesmo por compreensão, deu em interessar-me essa galeria de brasões, figuras e letreiros, e periodicamente aguardava novos espécimes para contemplar. Borbulhou assim no meu espírito juvenil um inefável acolhimento por esses sugestivos documentos e, concomitantemente, um preito admirativo pelo seu organizador.

Rocha Peixoto, director da Biblioteca, era também conservador do Museu. Num e noutro dos estabelecimentos as suas extraordinárias faculdades de organizador se manifestavam. Metódico e reflectido, a sua actividade dividia-se proveitosamente em variados encargos: no professorado técnico, como naturalista duma escola superior, e como funcionário municipal. Viveu em tempos felizes, em que se não cerceava o trabalho, pautando-o pela rigidez burocrática, quantas vezes de verbo de encher. Como cientista que era, norteava-o a liberdade com inerente responsabilidade. E dessa maneira produziu muito e bom. Quão proveitoso que o seu salutar exemplo de trabalhador fosse imitado!

A obra altamente educativa, que iniciara nesse claustro dos antoninos, nada mais era do que um capítulo departamental do Museu, a sua secção lapidar. Outras se lhe seguiriam nos mesmos moldes proveitosos e instrutivos.

Não quis porém o destino que a sua acção no estabelecimento, que encontrou deploravelmente instalado à Restauração, fosse mais além. A morte arrebatara-o.

Carecia de prédio adequado o Museu, e logo vislumbrou Rocha Peixoto a sua edificação num terreno ao norte da Biblioteca, que uns serviços municipais de limpeza ocupavam; em 1902 começavam as obras, mas tais

percalços e interrupções se deram que o levaram a dizer: «obra tão legítima e instantemente reclamada pela opinião pública letrada, os embaraços de toda a sorte, que por vezes como que abalaram a minha boa vontade e energia em levar a cabo esta tão fundamentada e justa aspiração, parecem traduzir, de tal modo se emaranham, um mau sestro que pesa irreparavelmente sobre a humilde e precária instituição municipal». Três anos depois ainda o apoquentavam «os desdêns, já inoportáveis, da repartição das obras públicas municipais referentemente à ampliação do edifício», os quais um dia, ante a espantosa morosidade dos trabalhos, lhe arrancaram esta frase: «Isto parece um propósito».

Por fim o prédio ergueu-se, mas parcialmente, até a sua parte central, esbarrando no vizinho posto de desinfecção, obstáculo que nenhuma força têm podido remover. Era meia casa feita. Mas não caberiam já ao seu propugnador os cuidados do arrumo e da ordenação.

Entretanto não descurava Rocha Peixoto as colecções, já ampliando as existentes, já criando novos agrupamentos, de modo a tornar o Museu, um estabelecimento de verdadeira utilidade. Quantos esforços dispendidos!

Solicitava objectos a particulares, notando que «em grande parte os progressos da instituição dependem da benemerência privada»; escrevia aos conservadores dos outros museus portugueses para que cedessem duplicados por troca, autênticos ou moldes, desenhos e fotografias, e todas as suas publicações; atendia aos espólios dos últimos conventos, e efectuava aquisições, algumas bem importantes.

Para Rocha Peixoto, o Museu era alvo dos melhores desígnios: cuidava «a um tempo de definir os seus horizontes e propósitos, ampliando e desenvolvendo várias secções apenas em início e chamando ao empenho desses

progressos a cooperação de vários estudiosos». Na sua visão clara, o auxílio de colaboradores prestimosos e desinteressados afigurava-se-lhe primacial para um estabelecimento como o que dirigia.

No programa traçado estavam incluídas excursões de estudo e pesquisas arqueológicas, algumas das quais ainda realizou.

Acentuar com minúcia a sua acção no Museu seria trazer a público a folha de registo ignorada e brilhante dum funcionário ainda agora mal compreendido.

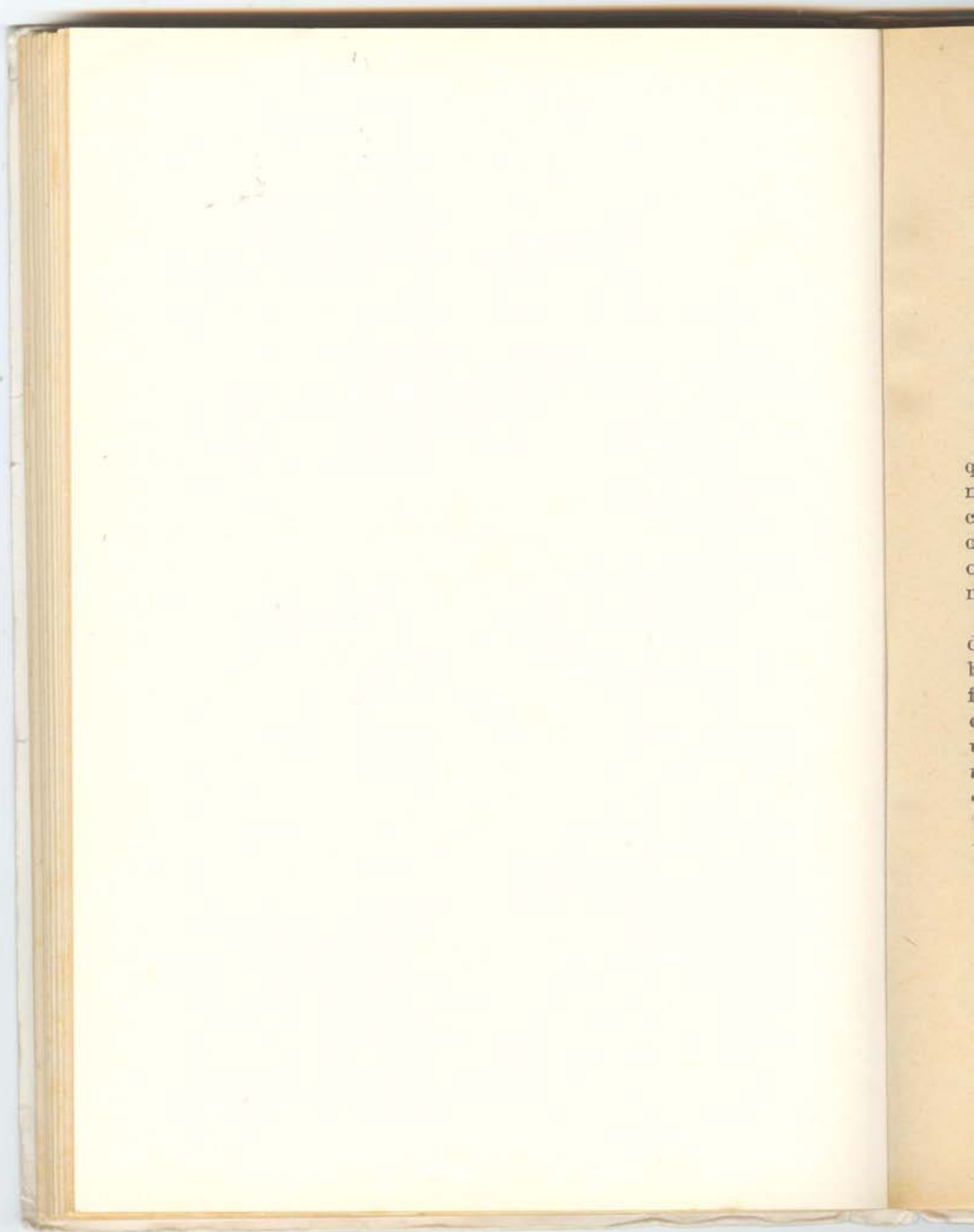
Quem tanto se interessou por documentar a história da cidade, num estabelecimento que lhe pertence — o Museu —, instando que este fosse «convidado a emitir opinião» sempre que se tratasse de velhos edificios a demolir, para que a Cidade não desconhecesse o seu passado, tem sido pelos seus representantes esquecido lamentavelmente, pois nenhuma rua do Porto lhe memora o nome glorioso e probo. (*)

Mas a desdita não alcança apenas a sua personalidade esfumada pela ingratidão, atinge também o Museu que soube honrar, tantos anos volvidos ainda encurralado num edificio mesquinho, hoje, como noutros tempos, em modo de se lhe aplicar essa sua qualificação desconsoladora de «indigente instituição educativa».

(*) Neste ano do I centenário do nascimento de Rocha Peixoto, daqui faço à Câmara Municipal do Porto o meu modesto apelo para que a sugestão do ilustre portuense Pedro Vitorino se concretize, e Rocha Peixoto venha a ter o seu nome numa das ruas da cidade do Porto — a cidade pela qual tanto e tanto fez.



Matosinhos. A casa onde Rocha Peixoto morou nos últimos anos da sua vida e onde faleceu aos 2 d.
Maio de 1909 (actualmente o prédio n.º 136 da *Rua Carrelas Vieira*)



g
r
e
o
c
r
f
e
r
r
e

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«marânus» - porto